

FACULDADE UNINA
CURSO DE PEDAGOGIA

VANESSA APARECIDA COLAÇO

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: ESTRATÉGIAS PARA O PROFESSOR DA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

CURITIBA
2020

VANESSA APARECIDA COLAÇO

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: ESTRATÉGIAS PARA O PROFESSOR DA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Pedagogia, da Faculdade Unina, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Sônia Maria Packer Hübler

CURITIBA

2020

FACULDADE UNINA
ATA DE DEFESA DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 29/06/2020, reuniu-se a banca para a defesa do trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, da acadêmica: Vanessa Aparecida Colaço, intitulada: A arte de contar histórias: estratégias para o professor da Educação Infantil. A banca examinadora, sob a presidência do Prof. Sônia Maria Packer Hübler . A banca foi constituída pela prof. Elizabeth Nater e pelo prof. Luis Venâncio Sousa. Após exposição oral, a candidata foi arguida pelos componentes que analisaram o trabalho e decidiram pela sua aprovação com a nota 95. Para constar foi lavrada a presente Ata que depois de lida e aprovada vai assinada pelos membros da banca.

Sônia Maria Packer Hübler
Presidente

Elizabeth Nater
Membro da banca

Luis Venâncio Sousa
Membro da banca

Vanessa Aparecida Colaço
Acadêmica

Curitiba 29 de junho de 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela sustentação, por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da minha vida e no percorrer do meu curso.

Agradeço a minha mãe, Joseli, mulher guerreira e heroína que sempre acreditou em mim, me deu todo o apoio e incentivo, obrigada por não medir esforços para que eu pudesse ter a oportunidade de estudar, sempre esteve presente com muito amor e zelo no decorrer desta trajetória, e em toda a minha vida.

Agradeço a meu pai, Heraldo, minha irmã, Priscila, e a meu padrasto, Gilmar, pela confiança no meu processo e pelo apoio e atenção quando precisei. Eu quero que saibam que reconheço tudo o que fizeram por mim, para a realização do meu objetivo.

Agradeço a meu esposo, Paulício, que sempre me apoiou e esteve ao meu lado. Obrigada pela paciência e o auxílio durante o meu percurso acadêmico.

Agradeço a meus filhos, Nicolý e Cauã, por compreenderem as várias horas em que eu estive ausente no decorrer do desenvolvimento do meu trabalho.

Deixo um agradecimento com todo carinho a minha orientadora, Sônia, por toda paciência, pela constante ajuda e orientação e pela dedicação do seu tempo ao longo da elaboração do meu projeto de pesquisa.

Também quero agradecer a Faculdade Unina e a todos os professores que contribuíram com a minha formação acadêmica, proporcionando-me um ensino de qualidade.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação: muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho aborda a arte de contar histórias na Educação Infantil. Tem como objetivo analisar a diversidade de estratégias que podem ser utilizadas pelo professor numa prática de contação de histórias, buscando despertar nos alunos o prazer pela leitura, proporcionando a ludicidade, a curiosidade e o divertimento. Este estudo constitui-se como uma pesquisa qualitativa realizada por meio de revisão bibliográfica. O estudo permitiu visualizar que são inúmeras as ferramentas e as possibilidades de o professor renovar uma narração com a utilização de estratégias e recursos auxiliares. Através do estudo, compreende-se que a valorização de contar histórias traz benefícios para o desenvolvimento integral da criança, além de estimulá-la a conhecer o mundo da leitura. As histórias são verdadeiras fontes de sabedoria, mostrando caminhos em que as crianças possam se posicionar criticamente, avaliando a sua realidade. Conclui-se que o professor tem que se comprometer com uma proposta transformadora de educação da criança, assumindo uma postura reflexiva em relação à didática aplicada, para que se obtenha uma contação de história efetiva, proporcionando o incentivo pela leitura e aguçando o imaginário da criança.

Palavras-chave: Contação de histórias. Estratégias e recursos. Educação Infantil.

ABSTRACT

This work addresses the art of storytelling in early childhood education. It aims to analyze the diversity of strategies that can be used by the teacher in a storytelling practice, seeking to awaken in the students the pleasure of reading, providing playfulness, curiosity and fun. The study showed that there are numerous tools and possibilities for the teacher to renew a narration using auxiliary strategies and resources. Through the study, it is understood that the appreciation of storytelling brings benefits to the integral development of the child, in addition to encouraging him to know the world of reading. Stories are true sources of wisdom, showing ways in which children can critically position themselves, assessing their reality. It is concluded that the teacher has to commit himself to a transformative proposal for the education of the child, assuming a reflexive posture in relation to the applied didactics, in order to obtain an effective story telling, providing the incentive for reading and sharpening the child's imagination.

Keywords: Storytelling. Strategies and resources. Child Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – MALA DE HISTÓRIAS	34
FIGURA 2 – TELEVISÃO DE MADEIRA PARA CONTAÇÃO	35
FIGURA 3 – DEDOCHES.....	36
FIGURA 4 – FANTOCHE.....	36
FIGURA 5 – LIVRO SEM TEXTO	37
FIGURA 6 – AVENTAL DE HISTÓRIAS	38
FIGURA 7– VARAL DE HISTÓRIAS.....	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 LITERATURA	10
1.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL.....	13
1.2 INÍCIO DA LITERATURA INFANTIL.....	16
1.2.1 CONTOS DE FADAS.....	18
1.3 LITERATURA INFANTIL NO BRASIL.....	20
2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	23
2.1 COMO CONTAR HISTÓRIAS: ESTRATÉGIAS PARA CONTAR.....	28
2.2 RECURSOS AUXILIARES PARA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	33
2.3 ANÁLISE DE DADOS.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

As histórias são fontes maravilhosas de experiências e costumam ser muito importantes no estímulo à leitura. Elas ajudam a desenvolver diversas modalidades de linguagem, além de contribuir significativamente para a ampliação do vocabulário da criança. Ao ouvir uma história, ela tem a oportunidade de enriquecer e alimentar a sua imaginação

Assim sendo, o tema abordado nesta pesquisa é a arte de contar histórias: estratégias para o professor da Educação Infantil. As crianças devem ser estimuladas à leitura desde pequenas, e a contação de histórias é uma forma de despertar a curiosidade, o encantamento e o interesse pela leitura.

A opção por este tema surgiu de experiências de contar histórias nas regências dos estágios supervisionados, quando, por meio desse recurso lúdico, pôde-se observar o encantamento das crianças. Foram práticas de interação com os alunos que proporcionaram momentos mágicos e, certamente, inesquecíveis.

Almeja-se também que este estudo possa representar alguma contribuição aos docentes, por revelar estratégias que podem ser empregadas quando se trata da arte de contar histórias. Em razão disso, estabeleceu-se para esta pesquisa o seguinte problema: Quais as estratégias e recursos que podem ser utilizadas pelo professor na contação de histórias na Educação Infantil, para promover a curiosidade, a ludicidade e o encantamento, visando à formação de leitores?

Assim, tendo conhecimento de como a história se faz necessária no processo de ensino-aprendizagem, cabe aos educadores uma reflexão da importância dessa prática. Para estudar essa problemática, estipulou-se como objetivo geral analisar a diversidade de estratégias que podem ser utilizadas pelo professor numa prática de contação de histórias.

Ouvir e ler histórias oportuniza desenvolver o espírito crítico da criança, possibilitando que ela pense, duvide, pergunte, critique o que foi contado. Além disso, pode ajudá-la a ter suas próprias ideias, formar sua opinião.

Desse modo, estabelecemos como objetivos específicos para este trabalho: descrever a importância da contação de história na Educação Infantil e pesquisar as diversas estratégias e recursos para a contação, visando à diversão e à ampliação dos horizontes da criança.

A metodologia a ser usada neste estudo é a revisão bibliográfica, trata-se de uma pesquisa qualitativa. Os principais autores que vão embasar a pesquisa são Busatto (2003), Abramovich (2006), Zilberman (2012), Bettelheim (2002) e Frantz (2011).

Este trabalho está organizado em dois capítulos.

O primeiro capítulo versará sobre a literatura, composto dos subcapítulos: a importância da literatura infantil, o início da literatura infantil; contos de fadas; a literatura infantil no Brasil.

No segundo capítulo, serão apontados os benefícios da contação de histórias na Educação Infantil, com os subcapítulos: as estratégias para contação de histórias e recursos auxiliares para contação de histórias que possam ser utilizados pelo professor para enriquecer a sua narrativa. No final, será realizada uma análise de um vídeo, considerando as estratégias que podem ser utilizadas pelo professor para uma contação de histórias.

Dessa forma, com este trabalho, procura-se mostrar a importância da contação de histórias na Educação Infantil e as estratégias que o professor pode utilizar durante sua narrativa.

1. LITERATURA

Literatura é uma palavra com origem no termo latino *littera*, que significa letra, representa comunicação, linguagem e criatividade, sendo considerada a arte das palavras. Segundo Zilberman,

Literatura é a ciência à qual compete estudar manifestações literárias. Considerar a Teoria da Literatura uma ciência significa afirmar que corresponde a uma área de conhecimento que requer peritos (técnicos) detentores de competências especializadas para exercê-la. Pode ser integrada às ciências, porque classifica e ordena o material com que trabalha; e pertence, em especial, às ciências Humanas porque interpreta e avalia o conjunto de obras que são o foco de sua investigação (ZILBERMAN, 2012, p. 11)

Na literatura, o escritor vai utilizar sua palavra escrita, uma comunicação, que necessita ser produzida e lida em um intercâmbio que envolve um diálogo entre o escritor e o leitor, ou seja, nasce de um processo comunicativo. Sua intenção de produção de escrita pode ser para um dizer que seja belo, mas também pode desenvolver uma crítica a partir de um ponto de vista diferente.

A literatura, como toda arte, estimula o cruzamento de informações, possibilita a sinergia do pensamento do ser humano, amplia a visão da sua realidade e até cria nova realidade. Sendo assim, os textos literários possuem uma função social importante para o ser humano.

Conforme Coelho (2000, p. 13), a literatura vai atuar de maneira essencial para divulgar valores culturais.

Ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o principal veículo para a transmissão de seus valores de base. A Literatura oral e a escrita foram principais formas pelas quais recebemos a herança da tradição que nos cabe transformar, tal qual outros fizeram antes de nós com valores herdados e por sua vez renovados (COELHO, 2000, p. 13)

Portanto, a literatura faz parte da nossa raiz, é uma representação literária do pensamento do homem de acordo com o período histórico em que ele vive.

Ao provocar no leitor essa possibilidade de encontro consigo e com o mundo, a literatura passa a ser uma linguagem capaz de proporcionar ao homem a oportunidade de ampliar e enriquecer a sua própria experiência de vida. Nesse sentido, Frantz afirma que “A leitura se torna uma necessidade vital para o ser humano, indispensável à sua vida, pois lhe revela seu próprio eu, ao mesmo tempo em que lhe dá instrumentos para melhor conhecer o mundo que vive”. (FRANTZ, 2011, p. 25).

A partir da leitura da palavra, podemos ampliar e aprofundar a leitura do mundo. Desse modo, a leitura assume uma função crítica e social muito importante, dando ao homem direito à opção, a um posicionamento próprio diante da realidade.

A contribuição da leitura amplia a visão de mundo. A esse respeito, Frantz (2011) acresce que:

A literatura assume função crítica e social, dando ao homem o direito à opção, a um posicionamento próprio diante da realidade. E, à medida que revela ao leitor esse mundo, desenvolve nele maior consciência individual e social, a leitura está atingindo no sentido de humanização desse indivíduo, ampliando a sua capacidade de pensar, sentir e interagir nas relações sociais de seu tempo (FRANTZ, 2011, p. 29)

Desse modo, pode-se dizer que o contato com o texto literário contribui de forma única na formação do cidadão, por isso deve-se dar uma atenção especial quanto à inserção da literatura infantil, respeitando a atual concepção da infância.

Historicamente, já tivemos muitas concepções da infância. Basta olharmos a literatura e as imagens das crianças ao longo dos tempos.

Antes do século XVII, não se escrevia para as crianças, elas eram vistas como um adulto em miniatura, e participavam dos mesmos eventos que os adultos. Sendo assim, não havia um olhar próprio para a criança. Segundo Zilberman (2012, p. 15),

...não se escrevia para elas, porque não existia a 'infância'. Inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava (ZILBERMAN, 2012, p. 15)

É no século XVIII que surge a instituição escolar, com dois tipos de ensino, um para o povo e outro para a burguesia.

Considerando um olhar sobre a infância, que nem sempre foi o mesmo, modificações ocorreram e ocorrem por determinações culturais e mudanças estruturais na sociedade. Nesse aspecto, conforme Kramer:

(..) a ideia de infância não existiu sempre da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se na sociedade feudal a criança exercia um papel produtivo direto (de Adulto) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para a atuação. Esse conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade (KRAMER, 1982, p. 04)

De acordo com Zilberman (2003), a literatura infantil surgiu em função de um novo modelo de família que estava a se construir.

A concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só aconteceu em meio à Idade Moderna. A mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros (ZILBERMAN, 2003, p. 15)

As modificações acontecidas na Idade Moderna propiciaram no século XVIII uma ascensão de modalidades culturais como a escola. “A literatura infantil propriamente dita partiu do livro escolar, do livro útil e funcional, de objeto eminentemente didático” (Oliveira, 2012, p. 50).

Cita também Zilbermam (2003) que:

A aproximação entre a instituição e o gênero literário não é fortuita. Sintomas disso é que os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo, a literatura infantil não é aceita como uma arte, tem o objetivo didático. (ZILBERMAM, 2003, p.16)

A literatura Infantil esteve mais ligada à pedagogia do que à arte. O livro infantil era considerado uma obra destinada a passar conceitos e não uma obra artística que trabalha com o encantamento e o imaginário da criança.

É importante destacar que, como a infância não existiu sempre da mesma maneira, a literatura infantil só passa a ganhar mais atenção, quando a criança começa a conquistar seu espaço na sociedade e logo as escolas, dando os primeiros passos:

[...] Nos rastros dessa descoberta da criança, surge a preocupação com a literatura que lhe serviria para leitura, isto é, para a sua formação sobre os mais diferentes conhecimentos e para formação de sua mente e personalidade (COELHO, 1991, p. 139)

Portanto, não se pode pensar em uma única infância, sendo que uma sociedade existe e é constituída por diferentes concepções de infância. Delineia-se um novo tempo em relação à criança.

A Constituição de 1988 estabeleceu um caráter diferenciado, impondo à Educação Infantil um caráter social e de cidadania. Garantiu-se o acesso a todas as crianças de 0 a 6 anos de idade a creches e pré-escolas, representando um marco histórico em nosso país.

A Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, estabelece as Diretrizes de Bases da Educação Nacional, trazendo que:

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 2005, p. 17)

Desde que a criança nasce, ela precisa de alguém que lhe cuide e de quem ensine, pois ela é um ser que merece atenção, respeito, afeto e ser compreendida pela sociedade.

Zilberman e Lajolo também observam que:

Como a família, a escola se qualifica como espaço de mediação entre a criança e a sociedade, o que mostra a complementaridade entre essas instituições e a neutralização do conflito possível entre elas. Entretanto, a escola incorpora outros papéis, que contribuem para reforçar a sua importância, tornando-a, a partir de então, imprescindível no quadro da vida social. E que, por força de dispositivos legais, ela passa a ser obrigatória para crianças de todos os segmentos da sociedade (ZILBERMAN; LAJOLO, 2007, p. 16)

No entender de Mallmann, a criança precisa habituar-se com a variedade de textos e estilos desde o começo da vida na escola, isso porque, nessa fase escolar, a criança se encontra em processo de desenvolvimento de suas capacidades. Mesmo que não tenha o domínio da língua, ela necessita dessa relação da literatura para, no futuro, ser um leitor crítico. (MALLMANN, 2011).

O conceito de infância do novo tempo determina que a instituição de Educação Infantil deve incorporar de forma integrada as funções de educar, cuidar e brincar, enfocando a linguagem na mediação e interação da criança e do professor no contexto social em que está inserida.

1.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL

A infância é primordial no processo de desenvolvimento da criança. Nesta etapa, a literatura infantil deve ser inserida no seu cotidiano, pois a literatura tem o papel de estimular a imaginação, trazer informações que auxiliarão na ampliação do conhecimento e desenvolvimento infantil através do escrever, desenhar, criar e recriar.

Segundo Zilberman:

A leitura ajuda o indivíduo a se posicionar no mundo, a compreender a si mesmo e a suas circunstâncias, a ter suas próprias ideias. Mas a leitura da literatura é ainda mais importante: ela colabora para o fortalecimento do imaginário de uma pessoa, e é com a imaginação que solucionamos problemas (ZILBERMAN, 2012, p. 148)

É importante que a criança possa ter acesso aos livros desde cedo, mesmo não sabendo ler. Muitos adultos, pelo fato de uma criança não ser alfabetizada, acreditam que ela não tem interesse por livros, e que não precisa ter contato com eles, mas desde cedo se faz necessário estimular uma criança a manusear um livro.

Nesse sentido, conforme Cortes (2006):

Dar o livro à criança, mesmo que seja como um brinquedo, é dar a ela a oportunidade de ter uma relação prazerosa com um objeto que leva até as pessoas emoções e fantasias. Enfim, ler, ver, ouvir, tocar o livro, é também entrar nele e vislumbrar encantos e novidades (CORTES, 2006, p. 16)

Nesse contexto, a importância da Literatura Infantil se dá no momento em que a criança toma contato oralmente com ela, e não somente quando se torna um leitor autônomo.

Precisa-se ler para a criança, uma vez que os textos literários ajudam a criança a compreender o mundo. Assim afirma Abramovich (2006):

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (ABRAMOVICH, 2006, p. 16)

O ato da leitura é um ato cultural. “A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu”. (BRASIL, 1998, p. 143).

Esse contato com os livros e histórias auxilia, promove o desenvolvimento da criança, além da imaginação, da criatividade e de seu senso crítico. De acordo com Abramovich (2006),

Ao ler uma história, a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar...Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar. (ABRAMOVICH, 2006, p. 143)

Preparar as crianças para a prática da leitura, especialmente da literatura infantil, é primordial no processo de formação de novos leitores, mas, para isso, o professor precisa ser sensível na importância de apresentar livros para a criança. É necessário ser um texto que convide a criança para o diálogo, livros de acordo com os interesses da criança, ela precisa de algo que entenda, com que se identifique e que a entusiasme.

No trecho a seguir, a autora Dinorah (1995) cita que:

A “criação literária para criança”, como proposta explícita, é uma “criação literária” e isso será condição essencial para ser literatura. Os textos para os pequenos não podem ser textos comuns. Deverá evidentemente possuir aquela qualidade de estilo, com marca da fluidez, colorido e leveza que, reconhecida pelo adulto, possa dirigir-se ao universo receptivo do leitor mirim. (DINORAH, 1995, p. 61)

O professor necessita de uma metodologia para trabalhar a literatura com seus alunos. A inserção da literatura infantil no cotidiano escolar vai depender da criatividade e do planejamento do professor, para que as atividades sejam realizadas de forma prazerosa.

Para Frantz (2011),

O professor deverá ter o cuidado de fazer dessas experiências de leitura algo realmente prazeroso, significativo, gratificante para a criança. Caso queira prolongar o prazer dessa leitura ou explorá-la sob outros ângulos, cuidará em propor atividades lúdico-artísticas afinadas com o texto literário infantil (que é essencialmente lúdico, mágico, artístico). Não podemos esquecer também que a criança dessa faixa etária vive em fase do pensamento lúdico e a fase do pensamento mágico. Brincar, fantasiar, questionar é a forma utilizada por essa criança para conhecer e explorar a sua realidade, para construir os seus conhecimentos (FRANTZ, 2011, p. 20)

Compreende-se então que aprender a ler através da literatura, ler o texto literário, é um passo fundamental no processo de formação do educando. Portanto, o professor tem um compromisso com uma proposta transformadora de educação, através da prática da leitura, de propiciar à criança o desenvolvimento da sua capacidade de leitura de mundo.

De acordo com Souza (2015, p. 42), Lajolo garante que ler é essencial e que a leitura literária é fundamental.

É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso, a literatura é importante no currículo escolar. O cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (SOUZA, 2015, p. 42 *apud* LAJOLO, 2004, p. 106)

A esse respeito, Zilberman (2003, p. 16) descreve que:

a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. (ZILBERMAN, 2003, p. 16)

Nesse sentido compreende-se que o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança.

A literatura infantil tem a capacidade de trazer um emaranhado de emoções, sentimentos, sentidos e significados a partir da sua interação com o meio em que a criança vive, desempenha uma função social, pois o leitor literário não apenas decodifica as palavras, ele as compreende, interpreta e organiza suas ideias fazendo referência a tudo o que leu.

Nesse instante da leitura, inicia o encantamento das crianças pela literatura, porque elas estão num período de mesclar fantasia e realidade e, nesse sentido, a literatura infantil propicia o desenvolvimento da imaginação, pensamentos e valores morais de maneira prazerosa.

A literatura transmite valores positivos como o respeito ao próximo, a solidariedade, o respeito à natureza e a autonomia, tendo uma contribuição importante para a criação de cidadãos mais solidários (MALLMANN, 2011).

1.2 INÍCIO DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil veio da adaptação de contos populares contados em rodas de histórias, assim surgiu o gênero literário infantil chamado de contos de fadas. Os primeiros e mais famosos autores desses contos são Charles Perrault, Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen.

De acordo com Busatto (2003, p. 20), a voz dos contadores de histórias é que foi responsável pela perpetuação dos contos, até o momento em que profissionais ligados à escrita passaram a registrá-los.

Sabemos que o conto de literatura oral se perpetuou na História da humanidade através da voz dos contadores de histórias, até o dia em que antropólogos, folcloristas, historiadores, literatos, linguistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram a campo para coletar e registrar estes contos, fosse através da escrita ou outras tecnologias. (BUSATTO, 2003, p. 20)

Charles Perrault foi um importante escritor francês. “A literatura infantil europeia teve seu início às vésperas do século XVIII, quando, em 1697, Charles Perrault publicou os célebres Contos da Mamãe Gansa” (ZILBERMAN; LAJOLO, 2007, p. 21).

Charles Perrault começou contando histórias para seus filhos, histórias já existentes que ele modificou, incluindo elementos e uma linguagem mais simples, de maneira que as crianças tivessem um melhor entendimento. Assim passou a se interessar em elaborar histórias infantis. Ele se preocupava em sempre transmitir uma lição em suas histórias, o que hoje conhecemos como moral da história.

Deve-se a Perrault, com sua moral no final das histórias, a crença no valor instrutivo dos contos de fadas, que, na verdade, têm como objetivo maior o apelo permanente, o poder de encantamento e a possibilidade de auxiliar a criança a lidar com conflitos internos (CALDIN, 2009, p. 177)

Muitos dos contos de Charles Perrault foram também recontados pelos irmãos Grimm, mais de um século depois.

Os irmãos Grimm, Jacob Ludwing Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786 – 1859) viviam em Haunau (Alemanha), eles saíram em busca das histórias contadas oralmente pelos camponeses e dedicaram-se a reunir essas narrativas e adequá-las para a leitura das crianças.

Santos (2011, p. 12) afirma que:

Tudo isso acontecia nos primeiros anos do século XIX, quando os velhos costumes pouco tinham mudado e as antigas tradições conservavam ainda toda a sua força. Estes contos eram passados oralmente de mães aos filhos, ninguém sabia há quantas gerações, sem jamais haverem tido as formas de suas histórias fixadas pela escrita. (SANTOS, 2011, p. 12)

O primeiro trabalho dos irmãos Grimm foi publicado em 1812 e levou o nome de “Histórias das Crianças e do Lar” com 51 contos.

Em 1815, foi lançado o segundo volume do livro, considerado o grande sucesso de Jacob e Wilhelm. Aos poucos, essas histórias foram se popularizando mundialmente, ganhando várias edições que foram traduzidas em diversas línguas.

Várias histórias escritas pelos irmãos Grimm foram transformadas em divertidos desenhos animados pela Walt Disney Studio, tornando-se ainda mais conhecidas no mundo. Entre elas, podemos citar: Branca de Neve, A Bela Adormecida, Cinderela, João e Maria, Rapunzel, e muitos outros contos.

Zilberman (2012, p. 142) afirma que “os contos de fadas foram bem acolhidos quando adaptados para o público infantil pelos irmãos Grimm, obtendo tanto sucesso que se tornaram o modelo seguido pelos escritores que desejaram se comunicar com o mesmo público”.

Seguindo o modelo de adaptação dos contos dos irmãos Grimm, Zilberman (2012, p. 142) escreve que, “o mais conhecido e mais bem sucedido foi o

dinamarquês Hans-Christian Andersen (1805-1875), que soube extrair a lição contida naquelas histórias tradicionais, tratando, por sua vez, de aperfeiçoá-las”.

Concordando com Zilberman, Jahn (1995, p. 6) também assevera que, depois de realizar longas viagens pela Europa toda reunindo material, à medida que Andersen escrevia novos contos, tornava-se internacionalmente reconhecido e, ainda no decorrer de sua vida, ele acabou sendo considerado o mestre do conto de fadas. (JAHN, 1995, p. 6)

Entre os anos de 1835 e 1842, Hans Christian, em suas histórias, buscava sempre passar os padrões de comportamentos que deveriam ser seguidos pela sociedade, mostrava muitas vezes o conflito entre o forte e o fraco, o bonito e o feio etc. Andersen foi o autor de muitos contos infantis, o Soldadinho de chumbo, A Pequena Sereia, A Roupa Nova do Rei, mas o seu conto mais famoso foi O Patinho Feio.

Seus livros infantis foram os que lhe deram muita fama e foi aclamado em toda a Europa. Devido a sua importância para a literatura infantil, sendo no dia 2 de abril, a data do seu nascimento, é comemorado o Dia Internacional do Livro Infante–Juvenil.

1.2.1 Contos de fadas

Os contos eram histórias curtas contadas oralmente, que, após serem registrados e adaptados para a leitura infantil, popularizaram-se como contos de fadas. Neles se concentra uma sabedoria popular acumulada ao longo dos tempos.

Segundo Rocha e Orthof (2003, p. 4),

A palavra conto, usada para designar uma história curta, somente ficou popular depois que os irmãos Grimm criaram uma coletânea de narrativas tradicionais chamadas contos para crianças e famílias. A partir do sucesso desta obra, que foi publicada no ano de 1812, em diversos países, contos de fadas foram recolhidos e organizados para a leitura das crianças. (ROCHA; ORTHOF, 2003, p. 4).

O conto de fadas é um tipo de história que apresenta personagens fantásticos do folclore, como dragões, fadas, gigantes, gnomos, animais falantes, unicórnios, bruxas, e em sua grande maioria apresentam encantamentos.

Para a criança, o conto de fadas proporciona um desenvolvimento da sua personalidade.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão diversidade de contribuições que esses contos dão à vida. (BETTELHEIM, 2002, p. 12.)

A leitura de um conto de fadas desperta emoções, prepara a criança para administrar conflitos sociais e estimula um olhar para si mesma. Acontecimentos narrados em um conto fazem a criança lembrar e analisar situações que ela já viveu, e a preparam para as adversidades que venham a enfrentar futuramente.

Na concepção de Busatto:

Os contos de Fadas apresentam sempre uma situação a ser resolvida pelo herói ou heroína, geralmente sem nome próprio, apenas são apontados como a princesa, o rei, a rainha, a mãe, a madrasta, a bruxa, assim por diante. Se apresentam nome próprio, geralmente é o nome comum, indicando que poderia ser qualquer criança a personagem daquela história. Por maiores que sejam as dificuldades encontradas pelos personagens dos contos de fadas, no final eles sempre vencem. (BUSATTO, 2003, p. 30)

Concordando com Busatto, Abramovich (2006, p. 120) também afirma:

Porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, universo que detona a fantasia, partindo sempre de uma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu... Porque se passam num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... Por que as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde tem que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e a achar junto uma resposta para o conflito... Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes e plantas sábias...). (ABRAMOVICH, 2006, p. 120)

Uma das tarefas mais difíceis na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado à vida. Para que isso ocorra, são necessárias muitas experiências e, à medida que ela se desenvolve, vai aprendendo a se entender melhor, tornando-se mais capaz de entender aos outros e se relacionando de maneira mais satisfatória e significativa.

Para encontrar um significado mais profundo, devemos ser capazes de entender os limites estreitos de uma existência autocentrada e acreditar que daremos uma contribuição significativa para vida, senão imediatamente agora, pelo menos em algum tempo futuro. Esse sentimento é necessário para uma pessoa estar satisfeita consigo mesma e com que está fazendo. Para não ficar à mercê dos casos da vida, devemos desenvolver nossos recursos interiores, de modo que nossas emoções, imaginação e intelecto se ajudem e se enriqueçam mutuamente. (BETTELHEIM, 2002, p. 4)

É importante também que, ao se ler um conto de fadas a uma criança, os elementos e contextos sejam claramente explícitos e principalmente que a criança entenda os seus significados.

Para Abramovich (2006):

Se o adulto não tiver condições emocionais para contar a história inteira, com todos os seus elementos, facetas de crueldade, de angústia, (que fazem parte da vida, se não faria parte do repertório popular) então é melhor dar outro livro para criança ler... Ou esperar o momento em que ela queira ou necessite dele e que o adulto esteja preparado para contá-lo... De qualquer modo, ou se respeita a integridade, a inteireza, totalidade da narrativa, ou se muda de história... (ABRAMOVICH, 2006 p. 121)

Bettelheim (2002, p. 05) também cita a importância de uma total entrega do adulto, no sentido de estar focado a despertar o interesse da criança.

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas, para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar clara suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedade e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo se sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez, relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos, e simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIM, 2002 p. 05)

Os contos são carregados de significados, não podem estar ausentes das leituras que são oferecidas às nossas crianças. A fantasia dos contos de fadas é fundamental para o desenvolvimento da criança, os contos encantam, comovem e educam indiretamente. Quanto maior for o número de experiências de contato com os contos, maiores recursos interiores nossas crianças desenvolverão para enfrentar as adversidades, com que irão se deparar ao longo da sua vida.

1.3 A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

Segundo Dinorah (1995, p. 33), “a literatura infantil chegou ao Brasil no final do século XIX. Carlos Jansen e Alberto Figueiredo Pimentel foram os primeiros a se preocuparem com a literatura infantil no país”. Na época, estavam ocorrendo mudanças na sociedade brasileira, um crescimento urbano e a ascensão da classe média, que começa a ter mais meios para propor uma melhoria na qualidade da educação.

Jansen percebeu que não havia livros específicos para crianças e começou a publicar traduções de clássicos europeus, adaptando-os para o público infantil, como, por exemplo, o livro “As Viagem de Gulliver” em 1888, e “As Aventuras do Barão de Munchausen” em 1891.

Pimentel destaca-se como o primeiro intelectual a se preocupar em popularizar o livro, através de edições mais acessíveis de autores clássicos. Pimentel reuniu em 1894 na sua obra “Os Contos da Carochinha”, 61 contos populares, morais e proveitosos, de vários países, traduzindo contos de Perrault, Grimm e Andersen, fábulas, Contos, lendas, parábolas, provérbios etc.

Um dos maiores e mais conhecidos e renomados autores da literatura brasileira foi Monteiro Lobato. Zilberman (2003, p. 145) cita que:

O papel exercido por Monteiro Lobato no quadro da literatura infantil nacional tem sido seguidamente reiterado, e com justiça. Com esse autor rompe-se (ou melhor: começa a ser rompido) o círculo da dependência aos padrões literários provindos da Europa, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica. (ZILBERMAN 2003, p. 145)

Monteiro Lobato formou-se em Direito, exercendo o ofício até tornar-se fazendeiro ao herdar as terras que foram de seu avô. A nova condição favoreceu o ofício de escritor, possibilitando a Lobato a dedicação quase que exclusiva à literatura: seus primeiros contos foram publicados em jornais e revistas, que posteriormente foram reunidos em uma série de 14 contos na obra *Urupês*, considerada a obra-prima do autor.

Lobato, além de grande escritor, era um visionário. Precursor e maior autor da literatura infanto-juvenil do país, foi também fundador da primeira editora brasileira, a “Monteiro Lobato e Cia” em 1918. Até então todos os livros de escritores brasileiros eram exclusivamente impressos em Portugal, e graças a seu pioneirismo, teve início o movimento editorial no Brasil.

Lobato mostrava-se aguerrido em fazer de sua literatura um documento social, construindo personagens caricatas e risíveis, como o emblemático Jeca Tatu, onde relatou aspectos sombrios da sociedade brasileira da época. A respeito dessa personagem, Azevedo (2012) afirma que:

Jeca Tatu, criado por Monteiro Lobato em 1914, rapidamente se tornou símbolo do caipira brasileiro, respondendo às circunstâncias externas, sociais e políticas, e também a evolução do seu pensamento, segundo a compreensão de Lobato, do mundo que lhe rodeava. (AZEVEDO, 2012, p. 10)

A data do nascimento de Monteiro Lobato, 18 de abril, foi escolhida como o dia Nacional do Livro infantil. Ao longo de sua carreira literária, Lobato escreveu 26 títulos destinados ao público infantil, atraindo ainda hoje milhares de leitores, que

estabelecem um interessante vínculo afetivo por conta de personagens célebres e recorrentes em sua obra.

Zilberman (2012, p. 146) cita que:

Lobato tem todos os méritos do grande escritor: suas personagens são criativas e desafiadoras; as histórias são atraentes, ao narrarem aventuras inusitadas; o espaço sintetizado pelo Sítio do Picapau Amarelo é inteiramente brasileiro, podendo ser reconhecido pelo leitor que se identifica com as ações, as figuras ficcionais e os temas (ZILBERMAN, 2012, p. 146)

Por ser um escritor tão bem-sucedido, Monteiro Lobato tornou-se modelo para outros escritores brasileiros, que se dedicaram à produção de obras para a infância. Sendo assim, com um aumento de produção literária, a literatura infantil foi favorecida, oportunizando a criança ter mais acesso à leitura.

2. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Contar histórias é uma arte que nos vem dos primórdios da humanidade, em que as pessoas se reuniam para ouvir histórias e aprender.

Segundo Farias (2011),

Contar histórias é uma arte milenar, exclusiva das sociedades humanas. Foi graças à tradição oral que muitas histórias se perpetuaram, sendo transmitidas de uma geração para outra. Tudo começou em uma caverna, quando os primeiros caçadores e coletores se reuniram em volta das chamas das fogueiras para contar histórias uns aos outros sobre aventuras na luta pela sobrevivência, para dar voz à percepção fenomenológica dos eventos naturais e sobrenaturais, e, assim, entrar em conformidade com a ordem social e cósmica. Algumas dessas histórias ficaram registradas nas paredes das cavernas e ainda resistem às intempéries acontecidas durante milhares de anos. (FARIAS, 2011, p. 19)

Desde os primórdios da humanidade até os dias contemporâneos, o homem sempre teve a necessidade de se comunicar, de se expressar, e então encontrou ao longo do tempo diversas e várias formas para fazer isso, e cada vez de modo mais eficiente.

Os contadores preservavam os conhecimentos acumulados pelas gerações e os difundiam através da contação de história, conquistando assim a admiração e aprovação dos ouvintes.

Souza e Bernardino afirmam:

O homem descobriu que a história, além de entreter, causava a admiração e conquistava a aprovação dos ouvintes. O contador se tornou o centro da atenção popular pelo prazer que as narrativas proporcionavam. Sendo assim, por muito tempo, contar histórias foi uma atividade oral: as histórias reais, ou inventadas eram contadas de viva voz. (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 236)

As histórias estão presentes em nossa cultura há muito tempo e o hábito de ouvi-las e contá-las tem inúmeros significados, está interligado ao desenvolvimento da imaginação, à capacidade de ouvir do outro e de se expressar, à construção de nossa identidade.

Conforme o tempo foi passando, o ato de contar histórias também foi tendo suas modificações.

Em todos os países, é possível encontrar histórias, lendas ou contos característicos da cultura local. Muitas dessas narrativas são tidas como motivo de orgulho. Tahan cita que:

A criança o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção. As histórias narradas, lidas, filmadas ou dramatizadas, circulam em todos os meridianos, vivem em todos os climas. Não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e de seus contos característicos. (TAHAN, 1964, p. 9)

Atualmente, o contador de histórias está com um olhar mais atento às novas tecnologias de informação e comunicação. Isso faz com que ele encontre novos caminhos para a narrativa.

Contar histórias é uma ferramenta capaz de abrir portas, para adentrar mundos, de gerar criatividade e de instigar o imaginário, seja de uma criança ou até mesmo de um adulto.

Busatto (2003) enuncia que:

Se mergulhar neste universo é fascinante para nós, adultos, que esquecemos de nos inebriar com a magia, quem dirá para a criança, a qual constrói deliberadamente um mundo onde tudo é possível. Ao contar uma história para ela estaremos lhe oferecendo um alimento raro, pois iremos colaborar para que seu universo se amplie e seja mais rico. (BUSATTO, 2003, p. 12)

Ouvir histórias é um acontecimento muito prazeroso para a criança e auxilia no processo de formação de futuros leitores. Quando a criança experimenta a leitura, ela executa um ato de compreender o mundo.

Relativamente ao ato de ouvir histórias, Abramovich aponta:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor, é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo... (ABRAMOVICH, 2006, p. 16)

A mesma autora enfatiza que:

Ouvir história é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores. É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. É ela (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoções deflagradas, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca. (ABRAMOVICH, 2006, p. 24)

Prioritariamente, ouvir uma história é uma experiência de entretenimento, de diversão. Mas, mais que isso, quando se ouvem histórias na Educação Infantil, o conteúdo da história oportuniza o desenvolver do espírito crítico da criança, permite

que ela tenha suas próprias ideias e forme sua opinião, sendo assim, ajuda no desenvolvimento da criatividade e do raciocínio lógico da criança.

Desse modo, as histórias auxiliam também as crianças na elaboração de seus sentimentos. “Ao ouvir uma história, a criança vai elaborando internamente esse universo estruturado através da linguagem. O pensamento é desafiado a buscar significação para aquilo que é narrado” (FRANTZ, 2003, p. 69).

Busatto (2003) reitera a ideia de que, ao contar histórias, estamos formando leitores e atingimos o nível de pensamento das crianças.

Ao contar histórias, atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível de pensamento, e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério. Assim, conto histórias para formar leitores; para fazer da atividade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para a nossa existência e reativar o sagrado. (BUSATTO, 2003, p. 45)

A contação de histórias na Educação Infantil vai propiciar que a criança brinque com as palavras, com as imagens, com a narrativa, identificando-se com os personagens.

Mainardes (2007), referindo-se a essa questão, aponta que:

A literatura é a ponte entre o real e o imaginário. As histórias auxiliam as crianças na elaboração de seus sentimentos, já que as emoções experienciadas por meio das narrativas preparam-nas para vivenciarem essas emoções no mundo real, de forma mais racional e equilibrada. Ou seja, o ficcional prepara para o real. A literatura suscita o imaginário, encanta e deleita o espírito. (MAINARDES, 2007, p. 7)

Outro fator importante na contação da história é a interpretação. A contação não deve ser vista apenas como uma leitura, é preciso que o professor saiba aproveitar o texto de maneira a transmitir as emoções ali contadas, alterando a intensidade da leitura, com voz suave em um trecho romântico, e em um tom mais alto para transmitir uma sensação nos trechos de drama, dar uma pausa ao deparar com uma pergunta, fazendo assim com que a criança tenha aqueles segundos para refletir antes da continuidade da história.

Qualquer tema que seja escolhido pelo narrador, deve ser trabalhado com sentimento e emoção, para se ter um maior envolvimento com quem ouve a história.

Sendo assim, Abramovich (2006) acresce que:

Aproveitar o texto.... Para que isso ocorra, é bom que quem esteja contando crie um clima de envolvimento, de encanto, que saiba dar as pausas, crie, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre,

sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais... (ABRAMOVICH, 2006, p. 21).

É bastante importante ao contar uma história na Educação Infantil que o narrador estude o texto antes da contação para ter clareza das intenções que o texto apresenta. O narrador precisa ter essa consciência para que, durante a sua atuação, a história tenha ritmo.

A respeito do narrador, Busatto (2006) também destaca:

É como se, ao montar no cavalo, ou seja, iniciar a narrativa, tomássemos rédeas com firmeza e o conduzíssemos exatamente para onde desejamos, sabendo quando se faz necessário retardar ou até parar o galope, quando é preciso acelerar o trote e imprimir a velocidade ao cavalgar (...) Se por ritmo este galopar seguro, com energia e também suavidade, podemos também entender o ritmo como a musicalidade da narrativa, ora mais ágil, ora mais vagarosa, ora com mais volume da voz, ora com menos, ora jogando mais com os graves, ora com os agudos. Enfim, estes predicados colaboram para se criar uma partitura, uma melodia que embala os contos. (BUSATTO, 2003, p. 65)

O narrador não pode contar uma história de forma mecânica, apenas repetindo-a, sem emoção, tem que ter paixão ao contar, proporcionando momentos de encantamento da história com o ouvinte.

Ouvir uma história, quando bem contada, dá vida ao texto. Abramovich (2006, p. 18), enfatiza que “Quando se vai ler uma história – seja qual for – para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito”. Para se contar uma história, é necessário preparação, cuidado e respeito pela contação, para que não se torne um momento qualquer, e sim um momento mágico e inesquecível para a criança.

Referentemente ao ato de contar, Frantz (2011) acrescenta que:

O ato de contar histórias não visa a substituir a leitura do livro. Ao contrário, quer aproximar ouvinte/leitor e texto/autor. Por isso, o trabalho do contador é fugaz. Por alguns momentos, ele ilumina e dá vida ao texto, introduzindo-o, majestosamente, em nossa vida e mostrando o quanto ela pode ser bela, triste, interessante, emocionante, cheia de histórias. E deste modo sugere a continuidade desta experiência gratificante, prazerosa, transformadora que é descobrir a vida que há nas histórias e as histórias que fazem a vida. (FRANTZ, 2011, p. 73).

Assim sendo, o narrador deve contar a história com sensibilidade para despertar emoções nas crianças, propiciando momentos para refletir e dar continuidade à história.

A contação pode ser realizada tanto em casa quanto na escola. Na escola, essa prática é muito frequente na Educação Infantil e o professor pode abordar temas de diferentes culturas e etnias, assim ampliando os conhecimentos da criança e a sua percepção diante do mundo.

A respeito das histórias de outras culturas, Busatto (2003) salienta que:

Ao trazermos para a sala de aula histórias de outros povos, não estaremos apenas contribuindo para que a diversidade cultural se torne um fato, mas também apresentando à criança a oportunidade de conhecer aquele povo através do olhar poético que ele lança para a sua realidade. Perceber como ele se articula para produzir significados para a sua existência, qual o valor que ele atribui às manifestações sociais, como ele se percebe e percebe os outros indivíduos na sua comunidade. (BUSATTO 2003, p. 38)

Sendo assim, a escola é um ambiente em que predomina a diversidade de culturas que possuímos, é o melhor lugar para trabalhar valores culturais. Contudo, na contação de histórias, esses valores de cultura podem ser trabalhados de forma lúdica e reflexiva, uma oportunidade única de conhecer outras culturas, outras formas de ver o mundo, de perceber que as pessoas se relacionam de formas diferentes das nossas.

Apesar de as histórias serem tão relevantes para o desenvolvimento das crianças, nos dias de hoje, com o avanço das tecnologias, elas estão, cada vez mais, deixando de lado o ato de ler. Em relação a essas mudanças, Mainardes (2007) traz que:

Os valores não são mais os mesmos. Com os avanços tecnológicos da sociedade contemporânea, as pessoas preferem a televisão, o vídeo game e o computador ao livro. Mas o fascínio que as histórias exercem sobre o homem não mudou, pois, quando se conta uma história, lança-se um fio invisível que vai enredando o narrador e o ouvinte, pelas tênues tramas da narração. (MAINARDES 2007, p. 11)

Hoje, considera-se importante incluir a contação na Educação Infantil, porque, além de o professor promover a recuperação das narrativas populares, a contação de histórias motiva os alunos a repensar suas atitudes a cada história contada.

O professor realiza um papel muito importante quando apresenta o mundo da leitura, das histórias, da fantasia a seus alunos, porque essa experiência vai influenciar nos seus costumes e refletir na formação dessa criança como cidadão.

Todo professor pode se tornar um contador de histórias. Busatto complementa que:

Contar histórias não é uma tarefa impossível como muitas vezes imaginamos, e com certeza chegará o momento em que você realizará a sua performance. Costumo falar que um contador não se faz com quatro, nem quarenta, nem com quatrocentas horas de curso, e sim a cada história que ele conta, cada conto que recupera, a cada afeto que ele lança. (BUSATTO, 2003, p. 88)

Ou seja, aos poucos, a cada história contada pelo professor, ele vai se apropriando das narrativas, e começa a contar aquelas de que mais gosta, assim vai

se adaptando ao seu modo de contar histórias. Cada contador, usando as suas habilidades, encontra a sua forma de contar histórias.

2.1 COMO CONTAR HISTÓRIAS: ESTRATÉGIAS PARA CONTAR

É preciso que o professor conheça as diferenças entre ler e contar uma história. Na leitura de uma história, as palavras escritas pelo autor são preservadas, o leitor não deve alterar o que está escrito, fazendo assim uma leitura fiel do texto escrito.

Já um contador de história tem toda a liberdade de acrescentar elementos à sua contação, avaliando os fatores como ambiente e recursos disponíveis. Em uma contação, a história não precisa ser contada toda vez da mesma maneira.

Embora a leitura e a contação de histórias sejam ações diferentes, para este estudo, especificamente, esses dois termos serão usados com sentido equivalente, porque a maior parte da leitura e da literatura é apresentada às crianças da Educação Infantil por meio de contação de histórias.

Uma vez escolhida a história, o próximo passo é a preparação para a contação.

A contação de história exige do professor conhecimento do tema e domínio da história a ser contada. De acordo com Cortes, “Deve-se conhecer o conto a fundo, lê-lo muitas vezes, imaginar as situações visualizando os quadros. Mas não pode, de jeito algum, ser decorado: isso destrói a naturalidade de uma frase, de continuar a história”. (CORTES, 2006, p. 105)

Desse modo, para ser contador de história, é preciso ter a capacidade de improvisar nos momentos em que for necessário.

Contar histórias é tão importante como ouvi-las, mas para isso é preciso o contador mergulhar no fundo da narrativa, é fundamental que se estude com antecedência quando for fazer o uso da história.

De nada adianta sair por aí, apressadamente, dando uma de contador. “Ah, eu nem preciso decorar texto, eu sei o resuminho da história, na hora eu improviso”. Vira uma tragédia e o mais pernicioso é levar esta coisa à criança sob nome de contação de histórias. Por conta desta facilidade, encontramos profissionais de várias áreas se assumindo como tal. Acredito ser necessário dar conta das nossas competências, ver o que é possível e o que não é possível assumir. (BUSSATO, 2003, p. 81).

Antes de ser contada a história, o texto precisa ser lido pelo narrador, é preciso ter bem claro o conto a ser narrado, ter uma visão objetiva e suas

sucessivas etapas. Ainda sobre as recomendações aos contadores, Mainardes acrescenta que:

É preciso conhecer muito bem a história, pois só se conta uma história depois de tê-la estudado e ter domínio completo sobre o texto, sem tropeçar nas palavras ou esquecer acontecimentos importantes. Isso não significa apenas decorar a história. É preciso memorizá-las, compreendê-la, aguardar a sequência dos fatos e saber transmitir toda emoção no momento exato, tornando-a apaixonante. (MAINARDES, 2007 p. 12).

Porém, quando nos propomos a contar uma história, precisamos criar estratégias pensar sobre sucessão de acontecimentos da história e também pensar na sucessão de diferentes climas, refletir sobre essas estruturas e incorporá-las.

Uma das estratégias que o professor poderá adotar na hora da contação, é passar pela construção de imagens do texto escolhido, no qual realizará a sua narrativa. Zeni (2018) ressalta, “Para aprender uma história, precisamos delinear claramente suas imagens e, a partir delas, construir a história dentro de nós. Quando criamos nossas imagens, propiciamos ao ouvinte que também crie as suas”. (ZENI, 2018, p. 40).

Uma história deve ser contada de forma especial na Educação Infantil, o professor tem que ter um profundo conhecimento do texto, para que a sua narrativa não fique comprometida. Referentemente à preparação prévia do contador, Abramovich destaca:

Para contar uma história – seja qual for - é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes...Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com as melodias dos versos, com acerto das rimas, com o jogo das palavras...Contar histórias é uma arte e tão linda!!! (ABRAMOVICH, 2006, p. 18)

Um fator a ser observado é para quem a história está sendo contada, porque há diferença entre contar uma história para uma única pessoa, ou para um grupo: narrar para uma criança em peculiar, por exemplo, para alguém que conhecemos muito, e narrar para uma criança com a qual não convivemos.

Quando as energias do contador e do ouvinte estão voltadas para este ato, é uma experiência única, principalmente se conhecemos esta criança e sabemos quais são as suas necessidades naquele momento. Nesse caso, é possível escolher o conto que mais convém à sua demanda. A narrativa se tornará personalizada, o volume de voz poderá ser menor e a performance mais contida. (BUSSATO, 2003, p. 46)

É importante haver critérios para selecionar a história. Uma história que atrai a atenção de um público mais jovem pode não ser tão atrativa, por exemplo, para crianças que estão ainda nos anos iniciais, ainda se familiarizando com a leitura.

Nesse caso, o contador precisa selecionar a história respeitando o público ouvinte, é fundamental saber para quem está contando, é extremamente importante escolher uma história dirigida para a criança.

Uma primeira regra a estabelecer é que deve ser respeitado o nível de aprendizado de quem está aprendendo a ler, ou seja, de quem está ainda adquirindo o hábito de leitura. Extremamente por isso, os livros são classificados por faixas etárias, que é uma indicação para as diferentes fases da evolução da aquisição da capacidade de leitura. É por isso que existe uma produção específica destinada às crianças, e que recebe o nome de literatura infantil. (CORTES, 2006, p. 28)

O contador tem sua preferência de como contar a história, a forma ideal é aquela em que ele se sinta mais confortável, sentado ou em pé, antes precisa fazer um treino para que na prática seus movimentos sejam favoráveis à sua narrativa, sem esquecer que contar história implica proximidade entre o narrador e o ouvinte.

Antes de começar, é bom pedir que se aproximem, formem uma roda, para viverem algo especial. Que cada um encontre um jeito gostoso de ficar: sentado, deitado, enrodilhado, não importa como...cada um de seu gosto...E depois que todos tiverem acomodados, aí começar "Era uma vez..." (ABRAMOVIC, 2006, p. 22)

Busatto (2003) também afirma:

Nunca negligencie o espaço físico onde irá contar as histórias. Um espaço fechado cria uma sensação de aconchego, o ideal é que as crianças fiquem à vontade, sem limites como cadeiras ou carteiras. Coloque-as sentadas num semicírculo, sendo que é você quem irá completar o círculo deslocando-se de lá para cá. O círculo é um símbolo de integração da totalidade. O círculo representa um ninho, e é neste espaço ideal que você poderá apresentar suas imagens. (BUSATTO, 2003, p. 72)

O ambiente para a contação de história na Educação Infantil, deve ser preparado com aconchego para que esse momento seja especial, mas a voz do contador vai fazer muita diferença na hora do conto.

Dinorah (1995, p. 52), considera que a voz é primordial para o contador de histórias.

Alguns mestres acham positivo o uso de audiovisuais na contagem de histórias. Ressaltam a importância da preparação do ambiente, envolvendo-o numa certa magia. Consideram a música elemento persuasivo e favorável nessas ocasiões. Mas... nada substitui a voz! (DINORAH, 1995, p. 52)

Portanto, professor precisa sempre levar em consideração aspectos para o sucesso na hora da contação de histórias e falar com a voz clara e agradável, assim se tem uma probabilidade maior de o ouvinte prestar mais atenção no momento do conto.

Mainardes (2007) também concorda com Dinorah que é de suma importância que o narrador se sinta seguro em relação à expressão de sua voz.

Não se pode esquecer que a voz é um dos itens fundamentais do contador, por isso deve-se falar com clareza, tornando expressivo o que se diz, sem imitação de voz, a não ser que seja bem ensaiado e o professor esteja seguro para fazê-lo. (MAINARDES, 2007, p. 14)

Abramovich (1997) também reafirma a importância da voz, na hora da narração.

Ah, é bom saber usar as modalidades e possibilidades da voz: sussurrar quando a personagem fala baixinho ou está pensando em algo importantíssimo; é bom levantar a voz quando alguma algazarra está acontecendo, ou falar de mansinho quando a ação é calma...Ah é bom falar muito baixinho, de modo quase inaudível, nos momentos de reflexão ou de dúvida, e usar humoradamente as onomatopeias, os ruídos, os espantos...Ah, é fundamental dar longas pausas quando se introduz o “Então...”, para que haja tempo de cada um imaginar as muitas coisas que estão para acontecer em seguida... E é bom valorizar o momento em que o conflito está acontecendo e dar tempo, e muito tempo, para cada ouvinte o vivencie e tome sua posição... (ABRAMOVICH, 1997, p. 21)

Ainda sobre estratégia, na hora da contação, é fundamental o narrador olhar nos olhos das crianças, como se estivesse contando para aquele ouvinte, o olhar vai estabelecer imediatamente uma comunicação mais próxima.

A respeito do olhar, Mainardes (2007, p. 14) escreve:

O olhar é um vínculo fundamental de ligação entre o narrador e o público. O contador deve sempre estabelecer contato visual com o ouvinte, pois isso cria uma cumplicidade entre eles e uma certa neutralidade na emissão da voz, além de auxiliá-lo a perceber se a história está agradando ou não. (MAINARDES, 2007, p. 14)

Cortes (2006) também cita a importância do olhar na hora da narração: “Não se deve flutuar sobre os ouvintes ou passar roçando os olhos em todos e em ninguém: o olhar do contador deve ater-se aos olhos das pessoas, sem exagerar, para não perturbá-las”.

Pode acontecer, durante a narrativa, que um dos ouvintes interrompa para pedir um esclarecimento ou fazer alguma observação, essa é uma das preocupações dos contadores. Nesse momento, é preciso procurar calma sem perder o fio da história.

A respeito de resolver as questões ou dúvidas durante a narrativa, em seu livro, Tahan (1964, p. 45) cita Garrido, que nos oferece a tal respeito valiosos ensinamentos.

Haverá ocasiões em que, durante a narrativa, seremos interrompidos pela curiosidade infantil, pela necessidade de expor-nos o seu pensamento e de transmitir-nos seus conhecimentos e experiências. A criança acomete a narradora com perguntas provocadas por certos conflitos da história. Que fazer? Desprezar esses comentários e perguntas, dando prosseguimento à narrativa? Não, absolutamente, pois se assim o fizéssemos, estaríamos prejudicando e comprometendo, seriamente, várias finalidades da história, isto é, aquisição de conhecimentos, expansão da linguagem e expressão do pensamento. Devemos então ouvi-la, dar atenção às suas explicações, satisfazer às suas perguntas, incluindo-as e associando-as como um complemento da narrativa, que assim não perderá a sua sequência e seguirá o curso de seus acontecimentos. Poderá, entretanto, surgir o caso de uma criança nos interromper para externar uma opinião ou pensamento inteiramente alheio ao que estamos narrando. Nesse caso, como no anterior, deixamos a criança expandir-se, porém, aqui, não alimentamos esta sua expansão e, ao prosseguirmos ela estará satisfeita por ter feito ouvir e em condições de acompanhar o que se segue. (TAHAN, 1964, p. 45)

Entretanto é necessário procurar envolver as crianças, incentivando-as a participarem da história a ser contada, criando um clima de envolvimento entre a história e o ouvinte. “É muito importante começar com um pequeno diálogo antes da história. Por exemplo: explicar quem é o autor, porque se escolheu o tema, se o tema coincide com algum acontecimento importante”. (CORTES, 2006, p. 102)

Silva (1999, p. 49) também destaca que a contação de história permite o diálogo.

É evidente que não se trata de fornecer uma lista de sinônimos com vocabulário. Contação de histórias é, em todas as fases, entretenimento. Uma conversa informal estabelece, portanto, a empatia indispensável e ainda permite ao narrador conhecer melhor as crianças, além de dar-lhes oportunidade para falar. (SILVA, 1999, p. 49)

Na contação de história para Educação Infantil, as estratégias, se utilizadas de forma efetiva pelos docentes, tendem a se tornar uma ferramenta valiosa, gerando momentos lúdicos e divertidos, enriquecendo as aulas.

Ao contar uma história, o professor pode fazer o uso de diversos recursos para atrair a atenção da criança. Para Dinorah (1995, p. 50):

Contar histórias é uma arte, certamente. E nem todo professor nasce com o privilégio desse dom. Entretanto o uso de alguns recursos fará dele, se não o artista de dotes excepcionais, um mestre capaz de transmitir com segurança e entusiasmo um texto para os pequenos. (DINORAH, 1995, p. 50)

É essencial que professor, ao contar uma história, tenha uma diversidade de estratégias, para que sua contação aguçe a imaginação da criança. Ao longo do tempo, a arte de contar histórias ganhou recursos para além da oralidade, a mesma história pode ser contada de diferentes maneiras, com adaptação de diversos recursos audiovisuais.

2.2 RECURSOS AUXILIARES PARA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Os materiais e recursos aplicados na contação de histórias são suportes que visam a tornar a arte ainda mais interativa e atrativa na Educação Infantil. Haverá sempre a possibilidade de renovar a forma como a história será contada.

Estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou recurso mais adequado de apresentá-la. Os recursos mais utilizados são: simples narrativa, a narrativa com o auxílio do livro, o uso de gravuras, de flanelógrafos, de desenhos e a narrativa com interferências do narrador e dos ouvintes. (SILVA, 1999, p. 31)

Nesse aspecto, há várias formas de apresentar uma história. O contador de história tem toda a liberdade de acrescentar elementos a sua contação, avaliando os fatores como ambiente e recursos disponíveis.

Em uma narrativa, o narrador é responsável por contar a história, vai selecionar os fatos a serem contados, integrando as palavras aos gestos. Assim, Busatto cita:

Numa narrativa, você é o personagem central que irá conduzir a história de tal forma que um pequeno gesto, empregado à fala de um personagem, crie para a criança todo referencial necessário para que sua imaginação se encarregue do resto. (BUSATTO, 2003, p. 76)

Uso de objetos na narrativa é um recurso estimulante nessa abordagem de contar histórias. Busatto expõe a sua forma de enxergar a técnica com objetos.

Quando me refiro a objetos, penso na sua maleabilidade e possibilidades inerentes, que sugerem conteúdos, forma e criam imagens. Panos são bons elementos. Um simples lenço poderá ser muito versátil neste caso. Além de ser um objeto de uso pessoal que você poderá estar usando naquele instante, ele irá brincar com o imaginário. No momento oportuno, irá indicar o vento soprando, o tempo passando, uma flor desabrochando, uma pena caindo, um barco navegando, uma criança crescendo... (BUSATTO, 2003, p. 77)

Porém, a principal qualidade é ter boa história para contar e boas ideias para envolver o público. Sendo assim, os recursos são ótimas estratégias para o docente apresentar em uma contação, para divertir as crianças.

A exploração dos recursos auxiliares também contribui para quem está iniciando o ato de contação de histórias, onde o contador vai fazer a exibição das imagens, podendo auxiliar na sua narrativa, assim com as imagens pode facilitar ao apresentar a história. Zeni cita “se você nunca contou histórias, escolha um belo conto e comece a narrá-lo com um tapete, um avental, fantoches ou um painel, esses suportes ajudam a memorizar o texto e a chamar a atenção dos alunos”. (ZENI, 2018, p. 52).

O uso de recursos animados é essencial para entrar no mundo da fantasia da criança, mas o contador precisa se organizar de forma antecipada com os materiais e recursos visuais que serão apresentados no momento da contação da história.

Portanto, é preciso que o contador se organize antes de apresentar a sua contação de história, fazer um planejamento. Um recurso auxiliar que pode ser utilizado para a contação é a mala de histórias, que consiste em trazer a história a ser contada dentro de uma mala. Dentro dela, pode ter o livro da história, além de a mala ser recheada com fantoches, objetos e outras formas de apresentar os personagens, conforme vai narrando, vai tirando e apresentando os personagens.

FIGURA 1 – MALA DE HISTÓRIAS



FONTE: Biblioteca Municipal Lídia Jorge (2012)

Zeni acrescenta que “o ouvinte precisa de um tempo para pensar sobre o material que está sendo apresentado pela história, então, em cada elemento, o contador para previamente e deixa que o expectador reconheça e relacione o elemento com sua narrativa”. (ZENI, 2018, p, 53).

No momento da contação de histórias, podemos fantasiar a realidade, e as crianças não devem ser meros telespectadores, e sim interagir, sendo participativos desse momento lúdico. Um recurso para envolver as crianças é a utilização de um suporte de televisão, que podem ser confeccionados pelo professor de diversas maneiras uma delas é o suporte de madeira, em que as crianças podem desenhar em uma folha ilustrações de um texto escolhido por elas, e posteriormente a professora faz a utilização da televisão para contar a história.

Outra variação desse recurso é uma televisão dentro da qual existe um sistema de roletes usados para exibição contínua de ilustrações referentes à história. “A televisão de madeira é um ótimo recurso para a contação de histórias, pois as crianças têm em casa e são atraídas pelas ilustrações coloridas. A televisão, além disso, emoldura o desenho e permite uma dinâmica na apresentação das ilustrações”. (CORTES, 2006, p. 119)

FIGURA 2 – TELEVISÃO DE MADEIRA PARA CONTAÇÃO



FONTE: Kamilla Botelho de Oliveira, Nayara Batista Fontes (2014)

Contar histórias amplia o horizonte das crianças através de toda simbologia e recursos utilizados. Essa prática de envolver elementos provoca o lado lúdico e também aguça a curiosidade da criança entregar alegria e o prazer de ouvir histórias.

Para enriquecer a narrativa, os dedoches são um ótimo recurso para os professores contarem as histórias de forma que fiquem mais próximos dos alunos. Os dedoches permitem que o contador possa interagir os personagens da história com os alunos, é um recurso que não exige muita habilidade, basta encaixar os personagens no dedo e ir apresentando um de cada vez, conforme eles vão aparecendo na história.

FIGURA 3 – DEDOCHES



FONTE: Luciana Alves de Oliveira (2018)

O recurso dos fantoches é bem parecido com o do dedochê, citado acima, porém com eles o contador deve colocar vida aos personagens, porque os fantoches permitem que o contador possa manipular a sua boca e fazer movimentos com a cabeça. Outra peculiaridade desse recurso é que os fantoches podem ser confeccionados com vários tipos de materiais. Existem fantoches de caixa de papelão, de meia, feltro, tecido etc. A autora Zeni nos apresenta uma estratégia para utilização do fantoche: “como o fantoche tem olhos, ele também olha para os alunos. Sua cabeça não deve ficar virada para baixo ou para cima. Ele toma vida, não fica congelado em cena.” (ZENI, 2018, p. 54).

FIGURA 4 – FANTOCHE



FONTE: Rosangela Marques Siqueira (2009)

Uma das formas de apresentar uma história para as crianças, dinâmica e lúdica, é apresentar os livros apenas de imagens, pois os livros sem texto constituem a comunicação sem o uso de palavras, utilizando apenas imagens para transmitir mensagens.

Segundo Abramovich, os livros sem texto, apenas contendo imagens, podem ter várias possibilidades de narrativas, realizadas pelas crianças.

Esses livros (feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos de qualquer idade) são sobretudo experiências do olhar...De um olhar múltiplo, pois se vê com os olhos do autor e o olhar/leitor, ambos enxergando o mundo e os personagens diferentes, conforme percebem esse mundo. (ABRAMOVICH, 2006, p. 32)

FIGURA 5 – LIVRO SEM TEXTO



FONTE: Daniela Segabinazi (2017)

Ao apresentar esses livros sem textos, o professor deve dialogar com os alunos sobre as imagens apresentadas, para que assim, através desse contato com os livros apenas de imagens, as crianças recriem seus pensamentos e opiniões sobre os personagens da história.

Nesse caso, elementos visuais, como imagens ou até mesmo o cenário da contação, são extremamente importantes para que se consiga prender a atenção da criança. De forma criativa e estando disposto a preparar um ambiente lúdico, o professor tem muitas possibilidades de criar adaptações de recursos auxiliares na hora em que for contar a história para as crianças.

A história pode ser iniciada com a apresentação do livro e depois guardá-lo para a utilização do recurso complementar.

Um recurso a ser implantado pelo contador que também atrai a atenção das crianças é o avental de histórias. A contação utilizando o avental de histórias é uma ótima forma de cativar os alunos, onde traz ilustração de imagens e com esse recurso o contador pode realizar a sua narrativa se aproximando dos seus alunos e movimentando os personagens livremente antes de anexá-los no avental. Será interessante que o avental seja colorido e personalizado, com um cenário atraente para comportar os personagens. É um recurso dinâmico e de fácil manuseio.

FIGURA 6 – AVENTAL DE HISTÓRIAS



FONTE: Ideiacriativa.org (2016)

As histórias alimentam a imaginação das crianças e também fornecem a elas instruções essenciais para que possam enfrentar situações novas durante o percurso da sua vida. “As histórias mantêm sempre aceso o farol da imaginação, da criatividade, da curiosidade, da ludicidade”. (FARIAS, 2011, p. 21)

A sala de aula é um espaço onde se faz necessário práticas de diferentes métodos de narrativas. A adaptação de recursos auxiliares pelos professores é importante para que as crianças possam interagir com a história narrada, transformando a sala de aula em um ambiente mais atrativo. Outro recurso interessante que pode ser aplicado é o varal de histórias.

O varal de histórias traz toda uma ilustração do texto, instigando a curiosidade da criança. Sua aplicação se faz prendendo um cordão de um lado para o outro da sala ou um ambiente propício para a narrativa. À medida que a história vai acontecendo, as imagens selecionadas pelo professor referente a história, vai se pendurando para que as crianças possam visualizar a sua sequência, posteriormente contando e recontando os fatos ocorridos.

FIGURA 7 – VARAL DE HISTÓRIAS



FONTE: Sandra Mara Antunes (2014)

Hoje se vê um grande aumento na quantidade de recursos auxiliares que podem ser explorados em uma contação de história. Portanto, cabe ao professor estudar e planejar a sua didática de contação, para tornar esses momentos ainda mais lúdicos, dinâmicos e divertidos para as crianças.

2.3 Análise de dados

A análise de dados desta pesquisa será feita por meio da análise de um vídeo de contação de histórias disponibilizado no YouTube. Esse vídeo pode ser acessado pelo seguinte link:

<https://www.facebook.com/watch/?v=1162880920396398>

O objetivo é analisar as estratégias e os recursos utilizados pelo contador numa prática contação histórias. O vídeo em questão encontra-se no site Ciranda Cultural e é protagonizado por Rúbia Mesquita, uma contadora de histórias bastante conhecida nas redes sociais. O título da história contada é “A Ovelha Rosa da Dona Rosa”, de autoria de Donaldo Buchweitz.

A história fala sobre a beleza que existe na diferença, enfatizando que somos todos importantes e todos nós temos características próprias que precisam ser respeitadas.

Analisando o vídeo, pode-se perceber que a contadora apresenta estratégias eficazes para uma contação. Ao início de sua narrativa, ela apresenta o livro, o nome da obra, nome do autor e do ilustrador. Ressalta-se que é de grande importância mostrar o livro, para que as crianças conheçam de qual livro será feita a contação, e também saibam quem é autor daquela história.

Para a narrativa, foi preparado um ambiente lúdico, um espaço alegre que contém objetos atrativos. A forma como a contadora narra faz toda a diferença para que prenda a atenção da criança.

Sua entonação de voz e expressão corporal dão vida e graça à narrativa. Percebe-se o uso de palavras simples as quais as crianças possam entender, além da utilização de pausas, ampliando a expectativa da criança na história. Ademais, a contadora faz o uso de recursos sonoros em que se emitem sons dos personagens da história, fazendo com que a criança fique concentrada no enredo. O seu olhar é direcionado ao público, revelando entusiasmo pela história.

A contadora mostra que tem domínio do conteúdo, que se estudou a história, porque consegue transmitir os sentimentos contidos no texto.

Para sua narrativa, faz o uso do recurso visual palitoques, imagens de personagens confeccionados e fixados em palitos. O uso dos palitoques é uma ferramenta que incrementa e atrai ainda mais a atenção das crianças.

Constata-se que a contação realizada foi bem eficaz, utilizando-se de estratégias adequadas e recurso interessante que certamente farão a criança voar alto no mundo da imaginação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo, contar histórias foi uma atividade oral, que atravessou gerações, sendo de grande relevância para a humanidade, tornando-se uma forma de preservar culturas, valores e de compartilhar o conhecimento com outros povos e gerações posteriores. Sendo assim, é possível afirmar que a narrativa ensina e nos apresenta novas perspectivas sobre novas formas de olhar a nossa existência.

Conforme o tempo foi passando, o ato de contar histórias também foi tendo suas modificações. Atualmente, o contador de histórias está com um olhar mais atento às estratégias e adaptação de recursos auxiliares para apresentar uma história na Educação Infantil. Isso faz com que ele encontre novos caminhos para a sua narrativa.

Assim, considerando o contexto apresentado, foi estabelecida a seguinte questão: quais as estratégias e recursos que podem ser utilizados pelo professor na contação de histórias na Educação Infantil, para promover a curiosidade, a ludicidade e a formação de leitores?

Foi possível perceber, através da pesquisa, que a arte de contar de histórias é uma forma criativa de apresentar a literatura infantil, fazendo do lúdico o estímulo à imaginação e o interesse pela leitura.

A infância é primordial no processo de desenvolvimento da criança, sendo nessa fase que ela desenvolve com mais facilidade a sua capacidade de interagir, criar e estimular o seu pensamento. Logo, é uma etapa na qual se faz necessária a vivência em ouvir histórias e ter contato com os livros no seu cotidiano, um passo fundamental no processo da formação da criança, que auxiliará na ampliação do seu conhecimento e desenvolvimento do hábito da leitura.

Assim sendo, na escola, é importante se dar uma atenção especial à contação de histórias, especialmente na fase da Educação Infantil, para que se possa resgatar os valores culturais e compartilhá-los, porque, além de o professor promover a recuperação das narrativas populares, a contação de histórias motiva os alunos a repensar suas atitudes a cada história contada.

Através da leitura dos contos de fadas e das obras literárias específicas para o público infantil, a criança brinca com as palavras, com as imagens, com narrativa,

identificando-se com os personagens, buscando no mundo da fantasia possíveis soluções para o seu mundo real.

Nesse contexto, explorar as histórias é fundamental para a formação da criança. Por isso, é indispensável que o educador tenha conhecimento da importância dessa prática de contação de histórias para o desenvolvimento infantil.

Conforme descrito neste trabalho, o objetivo principal foi analisar estratégias que podem ser utilizadas pelo professor numa prática de contação de histórias, buscando despertar nos alunos o prazer da leitura, proporcionando a ludicidade e o divertimento.

Sendo assim, no decorrer do trabalho, com o auxílio de autores renomados no tema proposto, nesta pesquisa foram apontadas estratégias que podem ser utilizadas pelo professor em uma prática de contação. O ideal é que, ao contar uma história, o professor/contador aplique diversas estratégias, sendo consideradas como principais: conhecer previamente a história a ser narrada, saber utilizar a expressão corporal, gestos, ritmos e, principalmente, a entonação da voz.

Dessa forma, compreende-se que utilizar estratégias tende a ser uma ferramenta valiosa para uma contação, fazendo com que nesse momento a criança fique envolvida pelo encantamento e fantasia da história narrada.

Ao apresentar uma história, o narrador deverá transmitir ao ouvinte as emoções e sensações de cada fato apresentado. Portanto, o conhecimento e a estratégia aliada à emoção asseguram o sucesso para uma narração efetiva, promovendo a curiosidade, ludicidade e encantamento nas crianças.

Cabe ainda destacar, ao contar uma história na Educação Infantil, que o professor pode inovar na sua prática de narração. A mesma história pode ser contada de diferentes maneiras, fazendo adaptações e a utilização de recursos auxiliares audiovisuais, com o objetivo de deixar a história ainda mais ilustrativa e dinâmica, despertando nas crianças o prazer de ouvi-las. Como exemplo, podemos citar a utilização de fantoches, dedoches, aventais de histórias e cenários atraentes.

A fim de verificar as estratégias e recursos que podem ser utilizados pelo professor numa contação, apontados pelos autores que embasam este estudo, foi feita a análise de um vídeo de contação do YouTube. Constatou-se assim o quanto é importante haver planejamento para uma contação, para que o momento seja de qualidade, prazeroso e significativo para a criança. Evidenciou-se, na análise, a

importância de o professor/contador conhecer as estratégias e usar recursos adequados, que envolvam os ouvintes.

Conclui-se com o estudo apresentado que a contação de histórias tem um papel fundamental na formação da criança, estimulando o seu desenvolvimento cognitivo, incentivo à leitura, transmitindo conhecimentos e novas descobertas sobre o mundo no qual ela está inserida, auxiliando-a no processo de seu desenvolvimento. Portanto o professor tem um compromisso com uma proposta transformadora de educação da criança, e ao se propor a apresentar uma história para crianças da Educação Infantil, precisa, em sua estratégia de contação, possibilitar um clima de envolvimento entre a história e o ouvinte, proporcionando aos alunos um momento especial, divertido e lúdico.

Este é um trabalho que está no estágio inicial, que posteriormente pode e deve ser aprofundado e complementado com mais pesquisas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5° ed. São Paulo: Scipione, 2006.

ANTUNES, Sandra Mara. **Técnicas e Métodos de Contação de Histórias Infantis: Diagnóstico das Práticas Aplicadas**. Monografia De Especialização — Universidade Tecnológica Federal Do Paraná Diretoria De Pesquisa E Pós-Graduação Especialização Em Educação: Métodos E Técnicas De Ensino. MEDIANEIRA, 2014.

AZEVEDO, Carmem Lucia de. **Jeca Tatu, Macunaíma, a preguiça e a brasilidade**. 2012. Tese (Pós-Graduação em História Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BARBOSA, Gi. **Avental de Histórias Era uma vez um gato Xadrez**. Ideia criativa, 2016. Disponível em: <https://www.ideiacriativa.org/2016/04/aventale-de-historias-era-uma-vez-um-gato-xadrez.html>. Acesso 02-05-2020

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16° ed. Brasil: Paz e Terra, 2002.

BIBLIOTECA Municipal Lúcia Jorge. **Hora do Conto- mala com Histórias de Encantar**. 2012. Disponível em: <http://albutekas.blogspot.com/2012/01/hora-do-conto-mala-com-historias-de.html>. Acesso 23-04-2020.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto para a educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria especial de editoração e publicações subsecretaria de edições técnicas. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 2005.

BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa**. 4° ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. 2009. 206 p. Tese (Doutorado em Literatura) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil**. São Paulo: Ática, 1991.

CORTES, Maria Oliveira. **Literatura Infantil e Contação de Histórias**. Viçosa, MG, CPT, 2006.

DINORAH, Maria. **O Livro Infantil: e a formação do leitor**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

FARIAS, Carlos Aldemir. **Um exercício para muitas vozes**. In: Contadores de Histórias. (ORG.). Benita Prieto. 1º edição. Rio de Janeiro, 2011. Cap. 2.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **A Literatura nas Séries Iniciais**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda., 2011.

JHAN, Heloisa. **Histórias Maravilhosas de Andersen**. Compilado por Russell Ash e Bernard Higon; traduzido por Heloisa Jahn — São Paulo: companhia das Letrinhas, 1995

KRAMER. S. **A Política do Pré-Escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 1982.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil**. 1º ed. São Paulo: Editora Ática, 2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira Histórias e Histórias**. São Paulo: Ática, 2007.

MAINARDES, Rita de Cássia Milléo. **A arte de contar histórias: uma teia mágica que enreda o leitor**. Desafiando o Leitor. SEED-PDE, 2007.

MALLMANN, Michelle de Carvalho. **A literatura infantil no processo educacional: Despertando os valores morais.** Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

OLIVEIRA, Kamila, Botelho de; FONTES, Nayara, Batista. **RAIZES E RUMOS.** Revista da Pró- Reitoria da Extensão e Cultura- Proex. VOL. 02 Nº 01, 104 - 155, RIO DE JANEIRO, JUN, 2014.

OLIVEIRA, Luciana Alves de. **O Uso De Fantoques E Dedoches Por Professores Da Educação Infantil E Fundamental I: Desafios E Perspectivas.** Dissertação (Para Obtenção Do Título Mestre De Artes) – Universidade de Brasília- Instituto da Artes. Brasília - DF 2018.

OLIVEIRA, Maria Alexandre. **A literatura para criança e jovens no Brasil de ontem e de hoje: caminhos de ensino.** São Paulo: Paulinas, 2012.

ROCHA, Ruth; ORTHOF, Sylvia. **Contos para rir e sonhar.** São Paulo: Editora Salamandra, 2003.

SANTOS, Suzana Maria Ortiz. **Os Contos de fadas e o processo de individuação das crianças.** 2011. 133 f. Monografia (Especialista em Arteterapia) – Faculdade de Educação, ISEPE. Rio de Janeiro, 2011.

SEGABINAZI, Daniela. **Ler livros sem palavras, ler imagens e mundo.** Universidade Federal da Paraíba – UFPb. Revista Linhas. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 22-45, maio/ago. 2017.

SIQUEIRA, Rosangela Marques. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense produção didático pedagógico.**Paraná, 2009. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2009_uepg_arte_md_rosangela_marques_siqueira.pdf. Acesso em 02-05-2020.

SOUZA, Célia Ferreira. **Saberes e sabores: das leituras de narrativas literárias africanas à construção de leitores na Educação de Jovens e Adultos.** 2015. Dissertação (Mestrado) — Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres/MT: PROFLETRAS, 2015.

SOUZA, Linete de Oliveira, BERNARDINO, Andreza Dalla. **A Contação de Histórias como Estratégia Pedagógica na Educação Infantil**. Uninove-SP: Educere et Educere Revista de Educação. Vol. 6 nº12, 2011.

TAHAN, Malba. **A arte de contar histórias**. 4º ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1964.

ZENI, Adriane. **Prof, Conta uma História! Manual para o professor que tem desejo de contar histórias**. 1º edição. Curitiba: Appris, 2018.

ZILBERMAN, Regina. **A Leitura e o ensino da literatura**. 1º ed. Curitiba: InterSaberes, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11º ed. São Paulo: Global Editora, 2003.